

## **DA PEDAGOGIA TRADICIONAL A UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA: Ações inovadoras que fazem a diferença na vida do aluno**

Ana Carolina de Andrade<sup>1</sup>

Edmáisson Felipe<sup>2</sup>

Simone Alves de Medeiros<sup>3</sup>

### **Resumo**

O objetivo geral deste estudo é apresentar e refletir os conceitos da Pedagogia Libertadora de Paulo Freire e a Aprendizagem Significativa de David Ausubel e como os mesmos tem contribuído para a criação de ações/metodologias inovadoras na educação brasileira. Foi realizada uma pesquisa teórica, de cunho bibliográfico e descritivo, sob a abordagem qualitativa, com o objetivo de registrar, analisar e correlacionar os conceitos inovadores de Paulo Freire e as contribuições de David Ausubel para uma aprendizagem significativa na educação. Apesar do nosso sistema educacional apresentar uma Pedagogia Tradicional, com currículos fragmentados e disciplinares, acreditamos que é possível desenvolver ações inovadoras para que o processo ensino-aprendizagem ocorra de forma mais significativa, adotando uma outra Pedagogia, onde o currículo é integrado e transdisciplinar. Portanto, se faz necessário que os docentes ao planejar suas aulas possam ressignificar o seu olhar, visando à construção de um aluno crítico, ativo, autônomo, contribuindo assim para o desenvolvimento de um cidadão emancipado.

**Palavras-chave:** Ações inovadoras. Pedagogia Tradicional. Educação Bancária. Educação Libertadora. Aprendizagem Significativa.

## **TRADITIONAL PEDAGOGY TO A SIGNIFICANT LEARNING: Innovative actions that make a difference in the student's life**

---

<sup>1</sup>Graduado em Pedagogia pelo UGB/FERP

<sup>2</sup>Graduado em Pedagogia pelo UGB/FERP

<sup>3</sup>Especialista em Neuropsicopedagogia e Educação Especial pelo CENSUPEG.

## Abstract

The general objective of this study is to present and reflect the concepts of Paulo Freire's Liberating Pedagogy and David Ausubel's Meaningful Learning and how they have contributed to the creation of innovative actions/methodologies in Brazilian education. Theoretical, bibliographical, and descriptive research was conducted under the qualitative approach to record, analyze, and correlate Paulo Freire's innovative concepts and David Ausubel's contributions to meaningful learning in education. Although our educational system has a Traditional Pedagogy, with fragmented and disciplinary curricula, we believe that it is possible to develop innovative actions to make the teaching-learning process more meaningful, adopting another Pedagogy, where the curriculum is integrated and transdisciplinary. Therefore, it is necessary that teachers, when planning their classes, can refocus their eyes, aiming at the construction of a critical, active, autonomous student, thus contributing to the development of an emancipated citizen.

**Keywords:** Innovative actions. Traditional Pedagogy. Banking Education. Liberating Education. Significant Learning.

## Introdução

O ato de ensinar/aprender é algo inerente ao humano como ser histórico, social e político, assim como aqueles sentimentos que todos temos: amor, desejo, fé e esperança. Quando analisamos a História da Educação percebemos o desenrolar da sua criação, como foi desenvolvendo suas estratégias e métodos. Notamos que surgiram diferentes tendências pedagógicas que vigoraram entre as épocas e de acordo com as necessidades vigentes. Dentre elas, a Pedagogia Tradicional, que tanto marcou o processo de aprendizagem no decorrer dos anos. Na era moderna, com a inovação e as novas perspectivas no âmbito educacional, acrescida de novos olhares, pensamentos e metodologias.

Na medida em que a discussão sobre a educação se faz presente no século XX, percebemos a necessidade de ressignificar as questões pedagógicas de acordo com este novo paradigma. Através de estudos, buscamos analisar os conceitos principais de Paulo Freire e Ausubel referentes à educação e como os mesmos estão inserindo um novo olhar, visando a formação de um aluno ativo, levando em conta a

sua ótica de mundo, conhecimentos e experiências, almejando o desenvolvimento de um ser emancipado, ativo, reflexivo, criativo e crítico. Sabendo da necessidade de mudança na educação e embasados na concepção dos educadores citados, as questões problematizadoras que norteiam este estudo são: Até que ponto os estudos de Paulo Freire e David Ausubel contribuem na criação de ações/metodologias inovadoras na educação?

Qual deve ser o papel dos integrantes (família, escola e sociedade) na inserção de uma perspectiva inovadora? O objetivo geral é apresentar e refletir os conceitos da Pedagogia Libertadora de Paulo Freire e a Aprendizagem Significativa de David Ausubel e como os mesmos tem contribuído para a criação de ações/metodologias inovadoras na educação brasileira. É necessária uma escola que atenda aos direitos e deveres dos cidadãos, mas para isso, é preciso ser democrática, não discriminatória e justa. A educação tem limites, mas ainda assim, é cheia de possibilidades, onde está localizada a nossa esperança. E essas possibilidades envolvem a postura e a prática escolhida pelo professor, que não é considerada neutra. Ele será um professor do lado bancário, conhecido como conservador, ou será progressista, do lado libertador. De acordo com Paulo Freire (1992, p. 114): *“Talvez nunca tenhamos tido em nossa história necessidade tão grande de estudar, de ensinar, de aprender mais do que hoje”*.

Paulo Freire e Ausubel não apresentam receitas como fornecedoras de técnicas, mas nos mostram um novo olhar. Suas teorias precisam ser reinventadas de acordo com cada realidade, contexto e experiências. Portanto, o estudo em questão justifica-se na medida em que se faz necessário ampliar as discussões sobre a práxis educacional atual para que as ações inovadoras sejam implementadas cada vez mais nas escolas, contribuindo para uma formação holística dos alunos.

## **Pressupostos educacionais de Paulo Freire e David Ausubel.**

### *Educação tradicional x Educação libertadora*

Hoje, o maior desafio encontrado pela escola é conseguir integrar o aluno e levá-lo a apropriação do conhecimento. Daí decorrem as críticas à Pedagogia Tradicional, ao mecanicismo e às estratégias *memorísticas* apresentadas pelo bancarismo. Com novos olhares e paradigmas, não existe espaço cabível para atitudes tais. Acredita-se que novas formas de pensamentos envolvem o desenvolvimento do cidadão no sentido holístico, pois novas demandas surgiram pautadas no diálogo, na autonomia, na criticidade, na reflexão e não é aceitável desenvolver um ser mecânico, passivo e alienado.

A própria forma de ser da Educação entrou em crise. Durante muitos séculos, o ensino baseou-se num paradigma: o professor ensinando para alunos em sala de aula. Segundo esse critério, o professor é detentor dos conhecimentos e os transmite a um grupo de estudantes, que depois devolvem o que aprenderam por intermédio de provas. Não são consideradas as diferenças existenciais entre crianças, adolescentes e adultos em sala de aula. São todos estudantes, e assim são tratados, negando-lhes uma distinção conforme as suas características etapas de desenvolvimento. E todos os estudantes devem apresentar o mesmo desempenho, sentados nas mesmas carteiras [...]. (TIBA, 1998, p. 21)

A educação bancária também conhecida como educação tradicional é marcada por uma relação vertical, onde o educando é considerado um “depósito do saber” e o educador, o detentor do conhecimento. Apresenta um ensino mecânico que apenas pensa em transmitir conhecimentos, sem levar em conta com as circunstâncias que circundam os alunos. E ainda considera obrigação do aluno saber tudo aquilo que o professor passou. Impera nesse modelo, a centralidade do processo no professor, pois somente ele é quem detém conhecimento. O aluno é mero receptor. Como definição, temos:

Configura a abordagem pedagógica pela qual o educador é agente transmissor de informações e conhecimentos aos educandos. Para

esta concepção, o único papel do educador é o de expor/impôr conhecimentos, não havendo espaço para discussão ou reflexão, sua missão é meramente informativa. Por isto, adota-se, analogicamente, o termo “bancária”. A ideia que se tem é de que aquele que possui conhecimento irá “depositar”, transferir, pura e simplesmente, aquilo que conhece para aquele que nada sabe, o depositário do saber de outrem. (VASCONCELOS; BRITO, 2014, p. 83)

Nenhuma influência do meio, do desenvolvimento do aluno, das curiosidades do mundo era levada em conta. O professor detinha de uma autoridade para determinar quais os conteúdos eram necessários para a vida acadêmica de seu aluno. Este passava a ser totalmente passivo, sem interferências na sua aprendizagem, sendo apenas um depósito dos saberes docentes.

A teoria está precedendo muito a prática. Os alunos são obrigados a aprender sem ao menos ter dúvidas. Nem se perguntam por que o carro anda, como funciona a montanha-russa, por que o sol nasce e se põe todo dia... Submetem-se aos acontecimentos diários sem buscar explicações para eles. Os pais nem sempre despertam a curiosidade dos filhos. E o professor não está sabendo estimular dúvidas para que o aluno queira respostas. Oferece respostas a quem nem sequer teve dúvidas. Na falta delas, tampouco há interesse em aprender. (TIBA, 1998, p. 54)

No ensino tradicional não existe espaço para esclarecimento de dúvidas. É importante apenas os conhecimentos teóricos, sem questionamentos. É possível enxergar a posição de um professor que não se preocupa com o aluno, somente com o conhecimento que deveria ser transferido, um “mestre todo poderoso”, “um doutor do conhecimento”, podendo também ser chamado de professor conservador. Acha-se inviolável aceitar qualquer tipo de opinião, de experiências ou condições apresentadas pelos alunos, pelo contrário, isso era considerado como um desvio de ordens: “Neste caso, o aprendiz funciona muito mais como *paciente* da transferência do objeto ou do conteúdo do que como sujeito crítico, epistemologicamente curioso, que constrói o conhecimento do objeto ou participa de sua construção.” (FREIRE, 2015, p. 67)

Com estas características, percebemos que há uma contruibuição com a evasão escolar dos alunos por não atender as necessidades e ansiedades deles e

não encontrar sentido do porquê estar ali. Ainda correlacionado a essa questão, temos a postura e o comprometimento do professor que corrobora para a motivação ou desmotivação de seus discentes. De acordo com Rossini (2010, p. 10) não basta apenas ter conhecimento e dominar conteúdos. Existem características pessoais indispensáveis para exercer sua missão de educador. O professor que despreza o que o aluno traz consigo está descumprindo o seu dever ético e transgride a natureza humana.

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha no seu lugar”, ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência. É neste sentido que o professor autoritário que, por isso mesmo, afoga a liberdade do educando, amesquinhando o seu direito de estar sendo curioso e inquieto, tanto quanto o professor licenciado, rompe com a radicalidade do ser humano- a de sua inconclusão assumida em que se enraíza a eticidade. (FREIRE, 2015, p. 58-59)

É necessário refletir, analisar e criticar todos os aspectos que envolvem as necessidades educacionais, que foram mudando e hoje apresentam uma nova realidade, uma nova perspectiva. Hoje a ênfase no acúmulo de informações é menor, pois o acesso acontece em qualquer tempo e momento, o que diferencia na sua apreensão: *“A grande diferença entre o decorado e o sabido é que neste último o aluno sabe usar o conhecimento de qualquer maneira e tem a possibilidade de criar, superando o que o professor lhe ensinou.”* (TIBA, 1998, p.111)

Os alunos hoje apresentam interesse naquilo que lhes é útil, que tem serventia para o seu dia a dia, como uma preparação para a vida. E as experiências educacionais, de acordo com as vivências cotidianas tem orientado para uma práxis libertadora, que apresentam uma atitude crítica de formação e exigem compromisso político e ético, buscando a superação da pedagogia tradicional. Como definição para Educação Libertadora, temos:

Não omite fatos, não “passa a mão na cabeça”, não “carrega no colo”. Pelo contrário, conscientiza, instrumentaliza, respeita. Cumpre um papel especificamente humano e, para tanto, é necessário que o educador reconheça a natureza humana de seus alunos, suas necessidades, manifestações, sentimentos, além de “saberes específicos” à prática docente e às metodologias que a legitimem. Educação envolve a formação do educando em um ser crítico, que pensante, agente e interveniente no mundo, sente-se capaz de transformá-lo. Para isto, precisa ter conhecimento do mundo e analisá-lo criticamente. (VASCONCELOS; BRITO, 2014, p.88-89)

Embasados em uma Pedagogia Libertadora, temos um compromisso moral com uma educação que apresente reflexões em torno da educação bancária e seu autoritarismo através de ações críticas com uma educação problematizadora, onde os educandos estejam desafiados em sua curiosidade, mantendo uma relação dialética entre educador-educando, onde ambos aprendem e ensinam.

Que dimensão libertadora pode existir em práticas que inibem a criatividade e conduzem o educando às repetições “burocratizadas” dos discursos nem sempre brilhantes de “mestres”? É nesse desejo de mudança que se instala a responsabilidade dos indivíduos, que considerados como seres no mundo capazes de transformar e (re) transformar, podem participar da história como seres ativos e emancipados. Esse desejo pode ser também chamado de sonhos possíveis. Não basta apenas negar o ensino bancário, é preciso superá-lo verdadeiramente. E essa superação começa na mudança de postura dos professores.

O que me interessa agora, repito, é alinhar e discutir alguns saberes fundamentais à prática educativo-crítica ou progressista e que, por isso mesmo, devem ser conteúdos obrigatórios à organização programática da formação docente. Conteúdos cuja compreensão, tão clara e tão lúcida quanto possível, deve ser elaborada na prática formadora. É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é *transferir conhecimento*, mas criar as possibilidades para a sua produção ou construção. (FREIRE, 2015, p. 24)



Espera-se que além de professor, este seja também um educador, sob uma postura progressista e inovadora, e esteja coerente com a libertação, com as bases democráticas, sempre ouvindo o aluno, os seus interesses e experiências, pautado no respeito, no diálogo, buscando desenvolver uma aprendizagem significativa.

### *Contribuições de Paulo Freire no processo ensino-aprendizagem*

Paulo Reglus Neves Freire, natural de Recife, Pernambuco, nasceu no dia 19 de setembro de 1921. Estudou o ginásio no Colégio Oswaldo Cruz, onde já saiu como professor de língua portuguesa. Iniciou sua formação profissional em 1943, cursando a faculdade de Direito. Mesmo depois de formado, continuou sua docência de língua portuguesa em seu colégio de origem e a licenciatura de filosofia na Escola Belas Artes. Suas ações por volta da década de 60, principalmente com o movimento de alfabetização de adultos, nos mostrou um novo olhar, uma nova forma de educar: partir da realidade que cerca o educando. Foi sob esse parâmetro, que ele conseguiu alfabetizar 300 cortadores de cana-de-açúcar em apenas 45 dias – método freireano. Reconhecido como subversivo, Freire foi preso por 70 dias e depois ficou exilado no Chile.

Publicou diversas obras, entre elas *Pedagogia da Esperança*, *Pedagogia da Autonomia*, *Educação como Prática de Liberdade*, *Pedagogia do Oprimido*, entre outras, sendo a última obra citada escrita ainda no exílio, apresentando reflexões sobre a relação entre professor e aluno e tornou-se a terceira obra mais lida entre os trabalhos de ciências humanas no mundo. Recebeu mais de 48 títulos *Honoris Causa* e foi reconhecido como patrono da educação brasileira. Em 1989, foi nomeado Secretário de Educação do Município de São Paulo. Freire faleceu no dia 2 de maio de 1997, aos 76 anos por problemas no sistema circulatório. (PORFÍRIO, disponível no Brasil Escola, acesso em 22 de agosto de 2019).

Paulo Freire acreditava que para que se concretizar o processo de aprendizagem, é preciso uma ligação com as situações existenciais concretas, mantendo uma prática de diálogo com a realidade. Partindo da visão de mundo dos



alunos, os conteúdos passam a fazer sentido e permite uma melhor apreensão do conhecimento. A partir da pedagogia crítica defendida e utilizada por ele, temos o ato de repúdio a educação bancária que atende ao interesse do professor, onde define através de suas ações autoritárias, os ensinamentos que serão transferidos aos alunos que apenas recebem, sem nenhuma forma de interferência ou escolha.

O ensino acrítico não faz parte da sua prática como educador, pelo contrário, é partindo de uma prática dialógica e crítica que se proporciona ao aluno os rumos para traçar a construção do seu conhecimento a partir daquilo que vivencia. Assim, grandes resultados serão obtidos. Pois a partir do momento que o ponto de partida está nas experiências diárias, o ensino vem acompanhado de prazer, interesse e desejo em aprender.

Cada criança, cada escola, cada contexto educacional está ligado à um tipo de cultura diferente, são individualidades. Quando falamos de um ensino que englobe esta esfera, estamos incluindo dentro das instituições de ensino, diferentes convívios familiares e sociais, que muitas vezes são desvalorizados, pela imposição de conhecimentos pré-estabelecidos pelos docentes. Muitas vezes está sendo proposto a autonomia, a construção da identidade da própria criança. Mas nas entrelinhas são encontrados o desrespeito ao próprio aluno, pois o conhecimento é apenas uma forma maçante e engessada que não acrescenta significado à vida, apenas forma um ensino alienante.

O que se faz necessário é partir do interesse do aluno. Essa deve ser a análise e o ponto de partida da construção do conhecimento por parte do professor. Não temos uma receita criada que atende à dinâmica social de todas escolas. Cada escola, cada aluno, cada professor é uma realidade, uma vivência e experiência diferente. É da coerência com a realidade educacional de cada local que temos o início das ações inovadoras na educação.

## *Ausubel e a Aprendizagem Significativa*

David Ausubel nasceu em 25 de outubro de 1918 em Brooklin, New York, USA. No período do seu nascimento, os judeus passaram por um momento histórico onde a população sofria uma série de perseguições, pois neste período acontecia a Revolução Russa, onde diversos judeus foram assassinados. Estes episódios foram acompanhados por uma série chamada de *Progomm* (погром), palavra que ficou atribuída à ataques violentos em determinadas comunidades étnicas ou religiosas. Com isto a sua história ficou atrelada a este movimento. Uma marca característica de Ausubel é a sua insatisfação com a educação recebida por seus pais e com as humilhações que recebeu em sua infância na escola. Sua Formação acadêmica foi inicialmente a Psicologia em 1939, realizada na universidade da Pensilvânia, após em 1943, se graduou em Medicina na universidade Middlesex, onde exerceu a sua profissão de médico um bom período de sua carreira. Fez seu doutorado em Psicologia do desenvolvimento realizada na universidade Colômbia no território canadense, exerceu também à docência como professor universitário, e também foi diretor da Psicologia educacional pela universidade em New York. Faleceu aos noventa anos, no dia 09 julho de 2008.

Em 1950 iniciou as investigações no campo da psicologia cognitiva, e se dedicou a educação no intuito de buscar as melhorias necessárias ao verdadeiro aprendizado, sendo totalmente contra uma aprendizagem puramente mecânica. Torna-se um representante do cognitivismo e propõe uma aprendizagem que tenha uma "estrutura cognitivista", de modo a reforçar a aprendizagem como um processo de armazenamento de informações, onde o indivíduo torna-se ativo e protagonista deste processo: *"A aprendizagem significativa é o mecanismo humano, por excelência, para adquirir e armazenar a vasta quantidade de ideias e informações representadas em qualquer campo de conhecimento."* (AUSUBEL, 1963, p. 58)

A concepção de ensino e aprendizagem de Ausubel segue na linha oposta à dos behavioristas. Apresenta a sua teoria em 1963, onde as ideias behavioristas predominavam, pois se acreditava na influência do meio sobre o sujeito e entendia-se que só aprenderiam se fossem ensinados por alguém.

É essencial levar-se em consideração as complexidades provenientes da situação de classe de aula, estas por sua vez, incluem a presença de muitos alunos de motivação, prontidão e aptidões desiguais; as dificuldades de comunicação entre professor e aluno; as características particulares de cada disciplina que está sendo ensinada; e as características das idades dos alunos. (AUSUBEL; NOVAK; HANESIAN, 1980, p. 5)

Ausubel acreditava que a aprendizagem se torna mais significativa à medida que os indivíduos interligam a relação do novo com o seu conhecimento prévio. Ao contrário disso, esta aprendizagem torna-se mecânica ou repetitiva, pois uma vez que se produziu menos essa incorporação e atribuição de significado, o novo conteúdo passa a ser armazenado isoladamente ou por meio de associações arbitrárias na estrutura cognitiva.

Neste processo, a nova informação interage em comum à estrutura de conhecimento específico que Ausubel chama de conceito “subsunçor”. Essa é uma palavra que tenta traduzir a inglesa “subsumer”. A pessoa decora fórmulas, leis, mas esquece após a avaliação, sendo condições para uma aprendizagem significativa, pois para que esta aprendizagem ocorra, é preciso entender um processo de modificação do conhecimento e reconhecer a importância que os processos mentais têm nesse desenvolvimento.

Baseado em uma reflexão específica sobre a aprendizagem escolar e o ensino, em vez de tentar somente generalizar e transferir à aprendizagem escolar, conceitos ou princípios explicativos resgatados de outras situações ou contextos de aprendizagem, o aluno precisa ter uma disposição para aprender: se o indivíduo quiser memorizar o conteúdo arbitrária e literalmente, então a aprendizagem será mecânica.

A essência do processo de aprendizagem significativa é que as ideias simbolicamente expressas sejam relacionadas de maneira substantiva (não-literal) e não arbitrária ao que o aprendiz já sabe, ou seja, a algum aspecto de sua estrutura cognitiva especificamente relevante para a aprendizagem dessas ideias. Este aspecto especificamente relevante pode ser, por exemplo, uma imagem, um símbolo, um conceito, uma proposição, já significativo. (AUSUBEL, 1978, p. 41)

Os estudos de Ausubel são importantes hoje para a educação brasileira, pois contribuem ricamente na construção de ações inovadoras para uma aprendizagem significativa, mostrando aos docentes que é extremamente importante a valorização do conhecimento prévio do aprendiz, pois é neste momento que o mesmo manifesta uma disposição para relacionar de maneira substantiva e não-arbitrária ao novo material potencialmente significativo a sua estrutura cognitiva.

### **O professor no contexto das metodologias inovadoras.**

Para aprofundarmos sobre qual deve ser a postura do professor diante das ações inovadoras, é preciso entendermos o que é uma metodologia, ou seja, “é o campo em que se estuda os melhores métodos praticados em determinada área para a produção do conhecimento.” (SIGNIFICADOS, Acesso 18 de julho de 2019). Através da escolha do método, é possível traçar os rumos, os caminhos para aquisição dos conhecimentos. Aplicando-se à educação, a metodologia de ensino define quais são os melhores caminhos para o desenvolvimento de todo o processo ensino-aprendizagem.

As metodologias inovadoras apresentam uma nova estrutura e organização da educação, contribuindo na formação de sujeitos críticos, criativos e autônomos, capazes de traçar os rumos do seu próprio aprendizado. Torna-se inovadora, pois ressignifica algumas práticas da educação, como os exercícios repetitivos e memorísticos e a centralização da aprendizagem na figura do professor.

Existindo um novo olhar, o perfil do professor se modificou e sua dinâmica de aula se tornou incompatível com a realidade dos alunos. Espera-se atualmente um professor que esteja atento para o novo que repense as suas práticas, métodos e recursos utilizados para ensinar que englobem as experiências e conhecimentos de mundo dos alunos pensando em contribuir na formação de um aluno ativo que construa seu próprio processo de aprendizagem.

### *A importância do professor na práxis educacional*

Muitas metodologias foram sendo construídas ao longo dos anos e cada uma apresenta sua importância para a práxis educativa. Dentre elas, encontramos práticas inovadoras que precisam ser multiplicadas no espaço escolar. A aprendizagem deve ir além dos conhecimentos e resultados de uma prova e perdurar no decorrer dos anos, servindo como uma preparação para a vida. Mas a realidade da escola nos mostra uma crise, com diagnóstico de desinteresse tanto do professor como do aluno até chegar à evasão escolar.

Em lugar da decretação de uma nova História sem classes sociais, sem ideologia, sem luta, sem utopia, e sem sonho, o que cotidianidade mundial nega contundentemente, o que temos a fazer é repor o ser humano que atua, que pensa, que fala, que sonha, que ama, que odeia, que cria e recria, que sabe e ignora, que se afirma e que se nega, que constrói e que destrói, que é tanto o que herda quanto o que adquire, no centro de nossas preocupações. Restaurar assim a significação profunda da radicalidade. (FREIRE, 2001, p. 14)

O processo de ensino teve o professor como o centro, responsável por determinar quais os conteúdos ensinar, tendo em mãos um currículo fragmentado, sem possibilidade de intervenção dos alunos de acordo com suas experiências cotidianas e questionamentos, e muito menos, respeitando as diferenças individuais. Dificilmente era possível manter interesse e motivação pelos estudos tanto por parte dos alunos, como também dos professores, nos apontando um quadro crítico.

Hoje fala-se muito na eficiência da aprendizagem significativa. Utiliza-se do conhecimento de mundo pré-existentes para agregar e construir novos saberes, modificando a postura do professor. Este agora já não é mais o responsável por estruturar os conteúdos sozinho, mas, antes disso, faz um diagnóstico, onde observa os interesses dos diversos alunos presentes em sua sala de aula, pois partindo do senso comum, que está relacionado ao cotidiano dos alunos, define-se o ponto de partida, onde novos conhecimentos serão acrescentados tornando-se um processo com mais participação, pois é algo que já sabe e que têm significados, e por isso a sua importância para iniciar e enriquecer os questionamentos e interesses dos alunos.

O papel do educador não é de omitir ou de propor a sua leitura de mundo, mas é evidenciar que existem diversas leituras de mundo, que são iguais ou até mesmo antagônicas as suas. Portanto, o professor não precisa ficar preso somente aos conhecimentos prévios propostos, pois é utilizando-os que é possível chegar ao conhecimento científico.

Não há como repetir que ensinar não é uma pura transferência mecânica do perfil do conteúdo que o professor faz ao aluno, passivo e dócil. Como não há como repetir que, partir do saber que os educandos tenham não significa ficar girando em torno deste saber. Partir significa pôr-se a caminho, ir-se, deslocar-se de um ponto a outro e não ficar, permanecer. Jamais disse, como às vezes sugerem ou dizem que eu disse, que deveríamos girar embevecidos, em torno do saber dos educandos, como a mariposa em volta da luz. Partir do “saber de experiência feito” para superá-lo não é ficar nele. (FREIRE, 1992, p. 70 e 71)

Para identificar os conhecimentos prévios dos alunos, é necessário que se estabeleça o diálogo para chegar ao aprofundamento científico. Mais uma nova postura é acrescentada, pois acredita-se ser necessário um relacionamento entre o professor e aluno. O que não acontecia, pois o professor era a autoridade, e sobre ele estava todo o poder de escolha. Caso houvessem propostas de aprendizagem, nenhuma voz era dada, porque não existia um relacionamento entre ambos.

Espera-se do professor uma aproximação com o aluno, estabelecendo o diálogo, a confiança e cooperação entre ambos, contribuindo como um facilitador para o aprender. Rompendo com a barreira da distância, muitas dificuldades no processo de aprendizagem são sanadas, pois o professor está sempre preocupado em conhecer qual é o interesse do aluno, qual é a sua realidade de aprendizagem, suas potencialidades e suas dificuldades, e partir de então, ele define sua intervenção.

Se uma prova diagnosticou muitos erros e conseqüentemente uma nota baixa, a intervenção pedagógica será diferente, pois este dado mostra não só um fracasso através de uma nota baixa, mas sim, um aprendizado que não se concretizou. Isso se aplica para os exercícios e também na exposição dos conteúdos, pois a todo o momento existe um cuidado, uma preocupação com o aprendizado do aluno. O obstáculo na aprendizagem leva a buscar novas soluções, explorar e criar novas

hipóteses e assim, o professor torna-se mais atento para a individualidade, ao ritmo de aprendizagem e desenvolve suas estratégias de ensino.

O professor que trabalha a partir das representações dos alunos tenta reencontrar a memória do tempo que ainda não sabia, colocar-se no lugar dos aprendizes, lembrar-se de que, se não compreendem, não é por falta de vontade, mas porque o que é evidente para o especialista parece opaco e arbitrário para os aprendizes. (PERRENOUD, 2000, p. 27)

Além de transmitir conhecimentos, o professor deve estar aberto para recebê-los. Nessa relação de aprendizagem não é apenas o professor que ensina, pois os alunos também tem o que ensinar, seja através dos seus limites ou dificuldades e até pelos conhecimentos diferenciados que detêm. Dessa forma, não existe um único responsável pela transmissão do conhecimento, pois ambos ensinam e aprendem juntos.

Importantíssimo é que ambos sentiriam a agradável vivência do aprendizado. Se deter um conhecimento representa um poder sobre quem não o tem, neste tipo de aprendizado, o poder de quem ensina, em vez de diminuir, aumenta. O que ensina fica livre para aprender mais novidades, enquanto o que aprende passa a se beneficiar da nova aquisição. (TIBA, 1998, p. 24)

O professor passa a respeitar aquilo que o aluno traz consigo, não ultrapassando as manifestações de seus conhecimentos e interesses. Através das interações de cada contexto social, muitos aprendizados podem ser estabelecidos. Portanto, não existe espaço para manipulações e imposições de pensamentos e conhecimentos, pois ambos têm o direito de traçar a sua própria aprendizagem. Lança-se mais um desafio, onde ambos os lados provocam a busca pelo conhecimento.

Desafiar os educandos com relação ao que lhe parece o seu acerto é um dever da educadora ou educador progressista. Que educador seria eu se não me sentisse movido por forte impulso que me faz buscar, sem mentir, argumentos convincentes na defesa dos sonhos por que luto? Na defesa da razão de ser da esperança com que atuo como



educador? O que não é lícito fazer é esconder verdades, negar informações, impor princípios, castrar a liberdade do educando ou puni-lo, não importa como, porque não aceite, por várias razões, o meu discurso. Porque recuse a minha utopia. (FREIRE, 1992, p. 84)

Esta forma de ensino exige liberdade, criatividade, curiosidade, interesse, respeito e ética de indivíduos críticos e ativos, características essenciais tanto para o professor quanto para o aluno, construídas simultaneamente. Mais do que nunca, é exigido a atuação do aluno na construção do seu próprio conhecimento, transformando a postura do professor para um mediador e orientador do conhecimento, descentralizando o seu poder e centralizando o aluno: “As escolas de ponta estão investindo muitíssimo no novo paradigma que é capacitar o professor a exercer o papel de orientador: ajudar o aluno a buscar, compreender, assimilar e integrar a informação para poder transformá-la em conhecimento.” (TIBA, 1998, p. 25)

O professor passa a ter a função de estimulador do conhecimento, onde traça os rumos do aprendizado, mais o responsável por concretizar e apropriar do conhecimento é o próprio aluno. Por isso é antagônico a postura de um professor que “despeja conhecimentos” com aulas que mais parecem uma “cantiga de ninar”, que transmite os conteúdos de forma inadequada, dá respostas sem levantar questionamentos e utiliza do decoreba, cobrando todos os conteúdos fidedignos na prova. A sua missão é desafiar o aluno, levantando curiosidades, questionamentos que o impulsionem a buscar por si mesmos os conhecimentos.

O professor não é o único responsável pela aprendizagem. Sua nova tarefa é orientar o estudante na busca e no processamento das informações. O professor ajuda o aluno a chegar às informações desejadas e assim atingir o objetivo, deixando de ser a “única verdade” que o aluno deve ouvir. Este, por sua vez, não é mais um mero repetidor do que o professor fala. (TIBA, 1998, p. 23-24)

O professor possui muita influência na construção do conhecimento na vida do aluno, pois não se trata de um ato neutro, e sim, carregado de decisões e posições, uma escolha entre isto e aquilo. Sua intervenção irá trazer consequências negativas ou positivas neste processo. Para um professor com um novo olhar, não é coerente

estimular o aluno a estudar, se ele mesmo não tem a prática de estudos, assim como não pode exigir criatividade, se não a busca.

Saber que devo respeito à autonomia, à dignidade e à identidade do educando e, na prática, procurar a coerência com este saber, me leva inapelavelmente à criação de algumas virtudes ou qualidades sem as quais aquele saber vira inautêntico, palavreado vazio e inoperante. De nada serve, a não ser para irritar o educando e desmoralizar o discurso hipócrita do educador, falar em democracia e liberdade, mas impor ao educando a vontade arrogante do mestre. (FREIRE, 2015, p. 61)

Aderindo a autonomia dos alunos em um ambiente de liberdade, sob a orientação e mediação do professor, é preciso fazer com a prática corresponda a estas ações. Portanto, se faz necessário ser congruente e ter um compromisso ético em sua postura. A competência do professor hoje está intimamente ligada à coerência entre o que se diz e o que se faz, o respeito as diferenças, formando seres autônomos e livres e buscar sua formação permanente.

#### *A nova estrutura espaço-tempo das escolas*

Nos dias atuais, é comum que a escolha da escola seja pautada apenas pela linha pedagógica. Mas a estrutura física é tão importante quanto a linha metodológica. Contrapondo a estrutura espaço-tempo da escola tradicional, onde a estrutura das salas de aula são organizadas com um aluno atrás do outro, onde o ensino, matéria, área de conhecimento ocorre de forma fragmentada, este modelo de escola padronizada, que ensina e avalia a todos de forma igual e exige resultados previsíveis, ignora que a sociedade do conhecimento é baseada em competências cognitivas, pessoais e sociais, que não se adquirem da forma convencional e que exigem proatividade, colaboração, personalização e visão empreendedora.

As crianças que chegavam a escola com uma cultura diferente dali prevalecia eram desfavorecidas pelo não reconhecimento da sua experiência sociocultural. Algumas das crianças que escolhíamos transferiam para sua vida escolar os problemas sociais dos bairros pobres onde viviam. Exigiam de nós uma atitude de grande atenção e investimento no domínio afetivo emocional. (ALVES, 2012, p. 100)

No modelo inovador, a sala de aula se amplia, dilui, mistura com muitos outros espaços físicos, digitais e virtuais, tornando possível que o mundo seja uma sala de aula, que qualquer lugar seja um lugar de ensinar e de aprender, que em qualquer tempo possamos aprender e ensinar, que todos possam ser aprendizes e mestres, simultaneamente, dependendo da situação, que cada um possa desenvolver seu ambiente pessoal de aprendizagem.

Efetivamente, são os alunos que decidem. E os professores estão lá, atentos e disponíveis. Quando compreendemos que cada criança é um ser único e irrepetível, que seria errado imaginar a coincidência de níveis de desenvolvimento, concluímos que não seria inevitável pautar o ritmo dos alunos pelo ritmo de um manual ou pela homogeneização operada pelos os planos de aula destinados a um hipotético aluno médio. (ALVES, 2012, p. 104)

Este novo modelo nos mostra que não é necessário ir sempre a um mesmo lugar para aprender, não precisamos estar sempre com um professor para aprender, e mesmo quando estamos num espaço convencional como a sala de aula, podemos modificar o que acontece nela: a utilização do espaço de diversas formas, a diversificação de atividades (individuais, grupais e coletivas). Nos modelos de escolas inovadoras estes espaços oportunizam que os alunos com orientação do docente, faça parte ativamente desse processo de aprendizagem explorando diversos espaços da instituição.

As nossas escolas são formadas por salas separadas, com tempo estimado para cada aula, onde os saberes acontecem em tempos estanques e os alunos estão nas salas, aprendendo de acordo com os programas oficiais. As campanhas sinalizam o início de outra matéria, onde existe um professor especialista para cada disciplina.

Como são e têm sido as escolas? Que nos diz a memória? A imagem: uma casa, várias salas, crianças separadas em grupos chamados “turmas”. Nas salas, os professores ensinam saberes. Toca uma campanha. Terminou o tempo da aula. Os professores saem. Outros entram. Começa uma nova aula. Novos saberes são ensinados. O que

os professores estão fazendo? Estão cumprindo um “programa”. “Programa” é um cardápio de saberes organizados em sequência lógica, estabelecido por uma autoridade superior invisível, que nunca está com as crianças. Os saberes do cardápio “programa” não são “respostas” às perguntas que as crianças fazem. Por isso as crianças não entendem por que têm de aprender o que lhes está sendo ensinado. (ALVES, 2012, p. 53-54)

As escolas precisam repensar em questão a esses espaços tão quadrados para espaços mais abertos, onde lazer e estudo estejam mais integrados, esses aspectos podem parecer simples demais. Isso porque é bastante comum que as discussões referentes à instituição escolar e ao trabalho dos professores e gestores versem sobre avaliação, modos de ensinar e aprender, currículo, concepções de gestão, proposta pedagógica, entre outros. Sendo pouco privilegiados momentos onde aconteçam os debates que dizem respeito ao tempo e espaço escolar.

### **Ações inovadoras que fazem a diferença na vida do aluno.**

As ações inovadoras presentes em algumas escolas atuais, ratificam o que defendemos neste estudo, pois é possível mudar paradigmas na educação. São ações implementadas que deram certo e que fizeram a diferença na vida dos alunos, mesmo que muitas não sejam classificadas como escolas inovadoras em sua totalidade, mas já refletem e buscam mudanças em seu espaço escolar. Abaixo, apresentamos algumas escolas inovadoras.

#### *Escola da Ponte*

Apresentamos a Escola da Ponte por acreditarmos ser ela a precursora de um novo paradigma educacional, rompendo com a organização de currículo escolar disciplinar, dividido por disciplinas fragmentadas. Com base nos escritos de Rubem Alves (2012), evidenciando características de organização desta escola. Nos anos de 1976, era retratada como uma escola tradicional, com o trabalho centrado no

professor, onde usava manuais iguais para todos, sob o método de repetição das lições e por consequência, contribuindo para a formação de um aluno pouco crítico. Hoje, é considerada um dos modelos para todos aqueles que desejam um novo tipo de escola.

A primeira experiência notada foi a ausência de indisciplina. Trata-se de um ambiente totalmente voltado para a aprendizagem, com atos de solidariedade, cooperação e entreajuda, como se fosse estabelecido na matriz do projeto pedagógico da escola. Talvez existe essa disciplina, pelo interesse dos alunos, pois o mesmo é que escolhe o que deseja estudar. “Por que haveria uma criança de disciplinar-se, se aquilo que ela tem de aprender não é aquilo que o seu corpo deseja saber?” (ALVES, 2012, p. 50). Chega a soar como fora de moda, mais os professores agem de forma romântica e meiga com os alunos, o que é totalmente contrário em muitas escolas que lidam com a agressividade e indisciplina dos alunos.

Ali, ninguém tem necessidade de engrossar ou elevar a voz e de ser pôr em bicos de pés para se fazer ouvir ou reconhecer pelos demais porque todos sabem que a sua voz conta e é para ser ouvida. [...] Por isso é que na Escola da Ponte não faz sentido falar de problemas de indisciplina, porque todos apoiam todos, todos acarinham todos, todos ajudam todos, todos são, afetivamente, cúmplice de todos, todos são, solidariamente, responsáveis por todos. (ALVES, 2012, p. 13)

Em casos de indisciplina, a escola tem duas ações específicas. A primeira é o tribunal para os que desrespeitam as regras de convivência (criados pela comunidade escolar), onde são separados 3 dias para pensar sobre os atos realizados e depois volta para uma conversa. A segunda é a assembleia, onde os professores e alunos se reúnem semanalmente para tratar dos problemas da escola e buscar soluções.

Sua gestão é altamente democrática, pois envolve todo o coletivo e é autorregulada, pois não segue regras impostas, mas, são criadas pela própria comunidade escolar, tudo pensando na formação da cidadania, com indivíduos que se sentem pertencentes à sociedade, confiantes de seus direitos e deveres.

Na Escola da Ponte não existe aulas e nem toques de sinais para mostrar o término de uma aula e início de outra, turmas definidas, testes para avaliação, manuais escolares, não ficando presa ao programa e o seu cumprimento. O aluno é

visto como um ser único, com potencialidades e dificuldades e por isso, responsável por escolher conhecimentos de acordo com a sua realidade e com o que lhe interessa. A aprendizagem passa a ser uma forma de solidariedade, pois existe sempre a preocupação de ajudar aquele que não sabe. Para organizar esse ato, a escola tem um quadro de avisos onde o aluno expõe suas dificuldades (“Tenho necessidade de ajuda em...”) e dos alunos que podem ajudar (“Posso ajudar em...”).

Ao professor resta refletir sobre a sua prática, sem estabelecer padrões e desenvolvendo a aprendizagem através de conteúdos não estanques, compreendendo que o aluno é o centro, e o currículo não é como deseja, mas é norteado através dos interesses dos alunos.

Não temos classes separadas, 1º ano, 2º ano, 3º ano... Também não temos aulas, em que um professor ensina a matéria. Aprendemos assim: formamos pequenos grupos com interesse comum por um assunto, reunimo-nos com uma professora e ela, conosco, estabelece um programa de trabalho de 15 dias, dando-nos orientação sobre o que deveremos pesquisar e os locais onde pesquisar. Usamos muito os recursos da internet. Ao final dos 15 dias nos reunimos de novo e avaliamos o que aprendemos. Se o que aprendemos foi adequado, aquele grupo se dissolve, forma-se um outro para estudar outro assunto. (ALVES, 2012, p. 43)

A Escola da Ponte apresenta ações inovadoras muito relacionadas à aprendizagem significativa e a centralização da aprendizagem nas mãos do aluno. Cada escola apresenta uma realidade e um contexto social diferente e é necessário se atentar as questões individuais. Portanto, devemos entender que não são receitas para seguir fielmente seus passos, mas para serem analisadas e multiplicadas de acordo com a especificidade de cada realidade.

#### *Escola Municipal Amorim Lima*

Localizada no bairro Butantã de São Paulo, a escola é conhecida pelo lema “*uma escola que nasceu para ser asa*”. De acordo com seu histórico disponível no site da escola, (<https://amorimlima.org.br/institucional/31-2/>), grandes transformações ocorreram a partir dos anos de 1996, quando a mesma teve um grande número de

evasão escolar e esforços foram traçados para manter os alunos na escola, entre eles, o apoio da equipe diretiva, o oferecimento de monitores extraclasse e o oferecimento de atividades extracurriculares.

Pensando em melhorar o nível de aprendizagem, o Conselho Escolar se reuniu juntamente com os pais e professores, onde discutiam sobre os problemas da escola que era a indisciplina, ausência de professores e falta dos alunos e assim, foram surgindo propostas para resolver os problemas levantados. Ao analisar o projeto político pedagógico da escola, notou-se que existia uma grande distância da teoria com a sua prática. Buscando ainda melhorar as condições de ensino, foi apresentado ao Conselho Escolar um vídeo sobre a Escola da Ponte e tiveram o contato com o seu projeto pedagógico. Assim, a Escola Amorim Lima implanta o projeto que se realiza na Escola da Ponte, o Projeto Fazer a Ponte, tiveram o contato com uma escola totalmente diferenciada em relação às escolas públicas tradicionais, vindo a ser reconhecida.

Hoje, desenvolve seu trabalho educacional com muita autonomia e organiza o aprendizado através de grupos de interesses em salões e não salas de aula por séries, como afirma Ana Elisa Siqueira, diretora da escola ao site Escolas Transformadoras: “Os alunos da EMEF Desembargador Amorim Lima tem grande liberdade e autonomia para aprender no seu ritmo e de acordo com seus interesses.” Através das vivências e atividades desenvolvidas, o aluno é que constrói o seu próprio aprendizado. Assim ela segue:

Os alunos assumem postura ativa e responsável em todas as situações vivenciadas na escola. Nas pesquisas que realizam, eles são incentivados, inicialmente, a tirar dúvidas entre si, só recorrendo ao professor caso a questão persista. Por meio dessas experiências, as competências transformadoras desenvolvem-se de forma natural e significativa<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup>Disponível em: <https://escolastransformadoras.com.br/escola/emef-desembargador-amorim-lima/>  
Acesso em: 23 jul. 2019.



Visando o desenvolvimento da empatia, trabalho em equipe, criatividade e protagonismo, a escola busca desenvolver o espírito crítico e o saber se posicionar. De acordo com Ana Elisa:

Uma vez que não há salas de aulas separadas e alunos em carteiras enfileiradas, professores e estudantes estão sempre convivendo e trabalhando em equipe. [...] A empatia é desenvolvida diariamente nas relações interpessoais. Por ser um espaço de acolhimento e escuta, as relações entre os participantes da escola são marcadas por afetividade e respeito. Alunos, professores, diretores e familiares têm lugar para se colocar e, com isso, são sensíveis às colocações de seus companheiros<sup>4</sup>.

Esta escola se insere juntamente as seleções de ações inovadoras por buscar desenvolver ações que envolvam sempre a comunidade, buscando sempre atender as reais necessidades de seus alunos e também professores.

### *Escola Politéia*

Localizada no bairro Água Limpa de São Paulo, a escola é reconhecida como referência em inovação e no ensino democrático. Busca sempre estar atento aos interesses dos alunos e da comunidade, visando a sua participação nas decisões da sociedade. Assim nos afirma o professor Oswaldo Souza:

Em salas que estimulam o contato entre as crianças de diferentes idades, os alunos são incentivados a pensar por si, com o objetivo de se desenvolverem de forma autônoma. Na Escola Politéia, são levados em conta os interesses de cada estudante, bem como seu ritmo e limitações. Valores democráticos e éticos também estão presentes nas interações do dia a dia, ao dar prioridade ao trabalho em grupo e às responsabilidades de cada aluno. [...] [A escola] precisa abrir mão de muitos mecanismos que são contrários à emancipação, como as aulas fechadas (no espaço e no tempo), as turmas isoladas, as provas como sinônimo de avaliação, os mecanismos punitivos e repressivos como advertência, suspensão e expulsão etc., precisa dar voz de fato para todos os agentes da comunidade<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup>Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2015/01/como-iniciativas-de-educacao-inovadoras-buscam-transformar-o-ensino-no-brasil/> Acesso: 18 jul.2019

Através de atos de solidariedade e cooperação entre os alunos em um ambiente de liberdade, a escola desenvolve o seu método educacional, contando com 2 alunos tutores que ficam responsáveis por 20 alunos onde acompanham e orientam o desenvolvimento das atividades, com os grupos de estudos que são dirigidos de acordo com os interesses, reunindo alunos com o mesmo objetivo de aprendizagem e ainda o incentivo as pesquisas individuais. Onde cada estudante desenvolve um tema para pesquisa sob a orientação de um professor, com dia para apresentação à banca e também a comunidade.

O foco da escola está no desenvolvimento do aluno como um ser ativo e protagonista da sua própria aprendizagem. Para isso, busca sempre o envolvimento dos alunos nos processos escolares, como no caso da Assembleia e das Comissões, onde os alunos participam das decisões e das resoluções de problemas. Além do ensino através da pesquisa, a escola tem como base o desenvolvimento de ideais de liberdade, respeito, responsabilidade e de sustentabilidade, pensando na formação de um ser crítico e ativo na construção de uma sociedade melhor.

### *Instituto Lumiar*

O Instituto é responsável por desenvolver a proposta pedagógica das Escolas Lumiar em São Paulo, buscando viver o desafio de fugir dos padrões convencionais existentes. Por isso, se insere no rol das escolas inovadoras, pois busca romper com a Pedagogia Tradicional no processo ensino-aprendizagem.

As crianças quando estão fora da escola são curiosas, questionadoras, querem sempre entender as coisas, e assim, a mesma busca criar ambientes de aprendizagem que possam desenvolver e expandir as capacidades naturais dos alunos, como ativos, automotivados e participativos. Assim, a escola desenvolve o currículo baseado em seus interesses, onde os conteúdos são contextualizados às suas experiências, para que seja uma aquisição mais rica, visando o nível de interesse

---

dos alunos, propondo um currículo e uma aprendizagem personalizada, onde os alunos não são separados por série e nem sentam em carteiras enfileiradas. As avaliações não acontecem por meio de provas ou testes, e sim, por meio de observações, diálogos e interações e o currículo não apresenta divisões em disciplinas, assim nos garante Célia Maria Piva Cabral Senna:

Expandir a capacidade do aluno e mantê-lo motivado é um desafio constante no Instituto Lumiar. Por lá, o ensino tem como base a observação de fatos e a resposta a questionamentos que são de interesse de cada aluno e o professor, mais do que ditar conteúdos e visões de mundo, orienta cada etapa de estudo e descobertas. O foco está em “*garantir o interesse dos estudantes e garantir a magia do conhecimento dentro das nossas escolas*”<sup>6</sup>.

A Lumiar estrutura o currículo em mosaico, que é formado através das competências e habilidades com referências aos Parâmetros Nacionais Curriculares, não sofrendo a imposição dos conteúdos oficiais, e tendo a liberdade para organizar a aprendizagem através de módulos, oficinas e projetos, sendo o aluno o construtor do seu conhecimento, sob a mediação de um tutor, que direciona os projetos de aprendizagens.

### **Considerações finais**

A Educação vem mudando ao longo dos anos, favorecendo novas práticas educacionais e novos olhares, visando um aluno crítico, refletivo, ativo, criativo, emancipado, ou seja, pronto para atuar na sociedade em que vivemos e para que de forma dinâmica, possa desenvolver de forma significativa seu processo ensino-aprendizagem. Muitas vezes diagnosticamos ações nas escolas sob a Pedagogia Tradicional que através de um ensino bancário e *memorístico*, onde o professor tem

---

<sup>6</sup>Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2015/01/como-iniciativas-de-educacao-inovadoras-buscam-transformar-o-ensino-no-brasil/> Acesso: 18 jul. 2019.

uma postura autoritária quanto a escolha dos conteúdos e aos interesses dos alunos, formando alunos passivos e alienados.

Podemos observar o quanto a metodologia inovadora de Educação pode contribuir para alcançar a formação deste aluno, pois através dos seus paradigmas, é possível ressignificar a prática pedagógica, trazendo uma nova postura quanto ao papel do professor, do aluno e no desenvolvimento do processo de aprendizagem. Fundamentados nas teorias de Paulo Freire e David Ausubel, notamos suas contribuições para práticas de inovação, sob a Pedagogia Libertadora e a Aprendizagem Significativa, permitindo que ações sejam desenvolvidas para fazer a diferença na vida do aluno. Entre elas, podemos citar a importância do professor ser um mediador, centralizando o aluno, visando sua autonomia e liberdade para decidir e construir sua própria aprendizagem.

Ratificando este estudo, apresentamos a Escola da Ponte, a Escola Municipal Amorim Lima, a Escola Politéia e o Instituto Lumiar, que apresentam através de suas práticas pedagógicas, ações inovadoras defendidas por este estudo, como o aluno definir o seu interesse de aprendizagem de forma ativa, formando grupos de estudos, apresentando um currículo integrado e não fragmentado, onde o professor é apenas o mediador e o orientador dos conhecimentos e a construção e apropriação do conhecimento fica sob responsabilidade do aluno, visando a formação de um cidadão emancipado. Para que seja possível essa formação, é necessário um envolvimento da família, escola e sociedade, onde ambas juntas possam concretizar as aprendizagens de forma significativa aos alunos, levando a prontidão para saber atuar na sociedade, construindo um mundo melhor.

Conforme o estudo bibliográfico, concluímos que nosso sistema educacional embora apresente uma metodologia que prioriza a organização do currículo disciplinar e padronizado, acreditamos que é possível desenvolver ações inovadoras para que o processo ensino-aprendizagem ocorra de forma mais significativa. Para isto, se faz necessário que os docentes ao planejar suas aulas/encontros possam ressignificar o seu olhar, visando à construção de um aluno crítico, ativo, autônomo.

## Referências

ALVES, Rubens. **A escola que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. 13 ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

AUSUBEL, D. P; NOVAK, J. D.; HANESIAN, H. **Psicologia Educacional**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

EMEF DESEMBARGADOR AMORIM LIMA. Disponível em: <<https://amorimlima.org.br/institucional/31-2/>> Acesso em: 23 jul. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários a prática pedagógica**. 51 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Esperança**. Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: UNESP, 2001.

PERRENOUD, Phelippe. **10 novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PORFÍRIO, Francisco. **Paulo Freire**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/paulo-freire.htm> Acesso em: 22 ago. 2019.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Educar para ser**. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

SIQUEIRA, Ana Elisa. **EMEF Desembargador Amorim Lima (SP)**. Disponível em: <<https://escolastransformadoras.com.br/escola/emef-desembargador-amorim-lima/>> Acesso em: 23 jul. 2019.

TIBA, Içami. **Ensinar Aprendendo**. Como superar os desafios do relacionamento professor-aluno em tempos de globalização. 2 ed. São Paulo: Gente, 1998.

VASCONCELOS, Maria Lucia Marcondes Carvalho. BRITO, Regina Helena Pires. **Conceitos de educação em Paulo Freire**. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.